

V Jornada Sul Brasileira de Cartéis

RAQUEL ROMANO DE LIMA

JOINVILLE

2022

### O Cartel e Formação do Analista

Um produto possível após a experiência na Coordenação de cartéis do FCL-CTBA

Esse produto decanta da experiência de estar na coordenação da Comissão de Cartéis do Fórum do Campo Lacaniano de Curitiba no último biênio. A comissão de cartéis se propôs a trabalhar periodicamente tentando teorizar o que decantava da experiência em ouvir os interessados em fazer cartel. É sobre o rastro da minha formação que se deu na relação com outro que construo esse dizer de hoje.

Tivemos o privilégio de experimentar uma comissão de cartel justamente num tempo pandêmico. Isso trouxe uma singularidade ímpar que fez ressaltar alguns pontos que podem auxiliar a construir a resposta para o que vem a ser a Psicanálise. Num primeiro momento me pareceu possível transmitir a Psicanálise pelas redes, o que se mostrou bastante falho, trazendo uma mostra de como acontece esse enlace transferencial.

Me explico: as propostas de Cartel no Fórum do Campo Lacaniano de Curitiba absorveram uma procura considerável a partir de um fenômeno que se deu com a pandemia. Com a necessidade de reclusão e a oferta da formação online, pessoas de todo Brasil e até de outros lugares do mundo se aproximaram do nosso Fórum, imagino que isso tenha ocorrido com todos. Pois bem, essa demanda inflada pelas urgências da época fez aumentar o número de pessoas à procura do cartel.

Pessoas essas que traziam consigo a angústia do confinamento e a necessidade, em forma de demanda, de produzir mesmo que enclausurados. O ponto de ancoragem ou de transferência com o Fórum, com a Escola e por consequência com a Psicanálise, parte de um lugar de demanda. “Vi no Instagram, é de graça?”, “Tem certificado no final?”, “Quem vai ser o professor?”, “Então o mais um, é o professor?” foram frases que ouvi que denunciam o quão perigoso é expandir nas redes uma informação descolada de sentido, sem uma necessidade de percurso, como um produto a ser comercializado.

Quando a Psicanálise ocupa o lugar do produto, quando é ofertada a quem de pronto aceitar, quando vinculada sem filtros, exposta sem indicação dos seus princípios, o resultado é uma multidão em busca de um tamponamento de uma falta que não se resolve com estudos teóricos. No momento que percebo isso, me dou conta que é preciso perguntar-se muito seriamente o que é Psicanálise? A quem ela se destina? Como se forma um analista? O cartel serve para que? Para quem?

Tentei responder essas questões na medida em que ia experimentando o encontro com o outro interessado no cartel. Esses encontros começaram em grupo virtualmente e terminaram no um a um, em entrevistas, de preferência de corpo presente. O engodo entre demanda e desejo é tanto, que nessa mudança ouvi numa entrevista presencial: “Até parece que estou na sala de espera de um analista”. Pois está! Disse eu. Quando você procura um cartel, está a procura da Psicanálise, que é presentificada pela figura do analista. Quando se procura o cartel, está se propondo a ingressar no percurso de formação do analista e não de qualquer outra coisa.

Voltando a transmissão da Psicanálise: O que queremos transmitir? O que decanta da nossa experiência enquanto analisantes? A castração! O que se transmite em Psicanálise é a castração! A impossibilidade e a falta permeiam o nosso fazer e deve ser assim em qualquer lugar por onde andamos e muito especialmente no lugar onde se credita como o lugar da formação do analista.

E como se transmite a castração? Através do manejo da transferência que acontece entre dois seres, sendo um aquele colocado no lugar do suposto saber. Então, não há transmissão da Psicanálise em massa, em rede ou qualquer coisa nesse sentido. Só há transmissão na relação transferencial que acontece muito especificamente na análise pessoal, na supervisão, no cartel e no passe.

Aqui podemos entender um pouco o que é Psicanálise. O objeto de estudo da Psicanálise é o inconsciente. E o inconsciente só é manejado nos dispositivos de formação através da transferência.

E o cartel como um dos dispositivos de formação possibilita um tipo de transferência peculiar, que é a transferência de trabalho. Para que a transferência de trabalho aconteça é preciso que o Outro seja minimamente destituído porque em nossa Escola não há o lugar do Um, do Outro que sabe. Não há professor, não há aquele que sabe mais e pode indicar o caminho. O cartel se estabelece na medida em que há uma relação horizontal que possibilita o trabalho.

Então para quem o cartel se destina? O cartel é um dispositivo criado por Jacques Lacan com o intuito de dar cabo à formação do analista. Grifo aqui: do analista! Sendo essa muito distinta de todas as outras. O cartel se destina aquele que declara seu desejo em vir a ser um analista.

O primeiro ponto que elejo dessa distinção é o fato de a Psicanálise não ser passível de ser ensinada. Não há currículo, metodologia, didática ou pedagogia que dê conta da experiência de se tornar Psicanalista. A razão pela qual é impossível ensinar Psicanálise é o fato de seu objeto de estudo ser o inconsciente e suas leis e princípios emergem de um encontro único: o próprio processo de se colocar em análise em um divã de outro analista. Como costume dizer: um analista só se forma no divã de outro analista.

Então aqui já sabemos que a transmissão em Psicanálise não acontece na Universidade! Não é no banco de pós-graduação que o analista se forma. Não há formatura para o Psicanalista! Ninguém externo a você vai dizer e garantir que você é um psicanalista. Justamente porque a Universidade não oferece a experiência em Psicanálise. O Psicanalista só se autoriza por si mesmo.... diz Lacan, esclarecendo mais tarde: e por alguns outros. Entendo que esses outros são a Escola.

Mas fora da Universidade estava Freud quando se referiu a formação do analista sendo sustentada através de um tripé. Tripé esse que divide-se em análise pessoal, supervisão e estudos teóricos. Aqui avançamos em direção a Lacan que situa o cartel como o dispositivo, juntamente com o passe, que permeia os estudos teóricos do Psicanalista.

Lacan inaugurou sua escola juntamente com o Cartel, em seu texto Ato de Fundação de **1963**.

Escola e cartel nascem juntos. Ele foi criado para fazer trabalhar o psicanalista sobre as questões que emergem do fazer clínico e que se expandem para sua formação inacabável. É um dos pés da formação esmiuçado em ato simples de reunir de quatro a seis pessoas em torno de um tema de trabalho, onde nenhum é portador do saber, dono da verdade ou referência. Estão todos juntos para dar cabo a um produto, enlaçados pelo tema e pelo trabalho.

Muito simples?! Se não fosse o fato de não existir um Outro! O efeito disso no um e no grupo é notório. Todos aqueles que passam pela experiência de um cartel sentem na pele a ausência dessa instância imaginária que é “anterior e exterior ao sujeito” (Chemama, Dicionário de Psicanálise).

Reunir-se numa relação onde circula o saber e o mesmo não tem dono é uma aventura. O mesmo digo sobre colocar-se no lugar daquele que constrói seu saber com menos interferência do outro e do Outro.

Até então vivenciamos uma relação com o saber hierarquizada, que espera do Outro um cronograma a seguir, uma lista de textos a ler e uma cobrança sobre o que é mais importante saber. Isso tudo cai por terra com o cartel. É você que precisa situar seu saber diante do outro e de si, eleger o que deseja fazer com ele, para que lado caminhar, que textos ler e onde poderá chegar.

Vejam que a todo tempo o cartel se assemelha com o processo analítico, mais uma razão para você procurar saber sobre si na sua própria análise. Saber sobre si é um bom começo de saber, um saber indispensável para seguir adiante. Essa semelhança também está na ausência do Outro que se esclarece na medida que cada um toma as rédeas de sua própria formação.

Talvez aqui já se delineie a importância da escolha do tema, que é por onde o laço com os outros (outrinhos) irão se manifestar. Escolher um tema também é buscar saber sobre sua formação. Talvez fosse importante que esse tema esteja atrelado a uma questão sua (com sorte essa questão foi levada à análise o que pode confirmar muitas coisas). Buscar um tema para o cartel é fazer uma pergunta que norteará sua formação.

Não há lugar para o saber todo no cartel. O cartel é uma construção sobre o próprio não saber. É a falta, o inquietante, o instigante que faz o furo que move a questão da escolha do tema.

O funcionamento do cartel parte de uma transferência com o tema e evolui para uma transferência de trabalho. O encontro que se dá periodicamente tem o objetivo de ser balizado pelo trabalho. Esse tipo de transferência dá o tom e o ritmo dos encontros que giram em torno do tema e das experiências sobre esse encontro tão chistoso. Um detalhe importantíssimo é que partindo do tema, sustentando a transferência de trabalho, o cartelizante deve se haver com a possibilidade de fazer um produto.

A Escola espera um produto de cada cartelizante! A submissão do produto ao controle interno da Escola é uma convocação difícil de sustentar. E aqui uma série de resistências se fazem ouvir. Colocar-se a elaborar um dito não é um ato fácil, demanda uma exposição de si e de seus feitos. Esse produto não obedece normas acadêmicas, não garante o bom estado da formação, nem é utilizado para nivelar

quem o faz. É um registro de um caminho, uma forma de elaborar mais um pouco a questão inicial e marcar um tempo na formação do analista.

Lacan em D'Écolaje (1980) convoca os cartelizantes à exposição dos resultados e das crises, o que indica uma forma de produto possível. O produto muitas vezes não é sobre o tema, mas sobre os efeitos do cartel e sobre suas crises. Queremos saber sobre as crises! As crises são uma exposição da impossibilidade, ou seja, uma notícia do que não vai bem, da falta propriamente dita, da castração.

Outro vazio previsto no cartel é a dissolução. O cartel deve se dissolver em no máximo dois anos. Não espera-se que o cartelizante se cole em seus colegas permanecendo no mesmo grupo de pessoas por mais de dois anos. Mais uma vez evidencio a importância da interlocução com os pares na formação do analista. Não há autorização sem o outro, mesmo que ela se faça a partir de si.

A dissolução também acontece quando um colega sai do cartel, é preciso dissolver e depois recomeçar. A saída de um cartelizante muda toda a transferência de trabalho e por esse motivo a dissolução é inevitável. A castração se impõe no dispositivo!

E o mais um? Esse um que pode ser qualquer um mas precisa ser alguém tem uma função imaginária, assim como se maneja a transferência com o analisando no nível do registro imaginário, o um que é mais mas também é menos, flutua no imaginário do cartel. Costumo dizer que o mais um faz ponte entre o cartel e a Escola, num trabalho de inquietação e movimento. Esse um escolhido entre os pares é encarnado para título de comunicação, mas não se encarna na totalidade, podendo circular a função com os demais integrantes do cartel. O mais um é aquele que denuncia incômodos, convoca ao trabalho e faz lembrar a transferência com o tema e com o próprio trabalho. Mas ele não é o Outro portador do saber ou algo que o valha.

É isso que posso dizer hoje sobre a formação do analista e sobre o cartel: o mais importante é manter intacto o tripé da formação, muito especialmente a análise, de onde partimos (analisando) e onde pretendemos chegaremos no lugar inverso (analista) . De analisando a analista.

Bibliografia

Lacan, J. (1964). Ato de fundação. Outros escritos,  
\_\_\_\_\_ (1980) D'Ecolage. Inédito.